



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Dezembro - 2025

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$377.312.577,31	12.129	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Dezembro/2025

Distribuição por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,96	1,38%	12.916	R\$9.723.642,17
	Receitas	Despesas	
	R\$5.637.701,33	-R\$ 402.126,72	

* *YTD Distribuir* = *Resultado a Distribuir* deduzido do Caixa

COMENTÁRIO DO GESTOR

Rendimentos

Em dezembro, o BB FI FIAGRO apresentou uma rentabilidade de 1,82% ao mês na cota patrimonial, impulsionada pela redução do spread de crédito e do vencimento do CRA021005LZ da devedora FIAGRIL. Esse desempenho permitiu elevar a distribuição de rendimentos para R\$ 0,96 por cota, apoiado também pelos rendimentos acumulados e pelo lucro contábil do fundo.

O Dividend Yield foi de 1,38%, equivalente a 118,65% do CDI sobre o valor de mercado — isento de imposto de renda para pessoa física — reforçando o compromisso do fundo com a geração de valor aos cotistas.

Carteira

A carteira de CRAs permanece bem diversificada: 50,66% do patrimônio líquido está alocado em emissões indexadas ao CDI, que apresentam yield médio de CDI + 2,35% a.a. e duration de 593 dias úteis. A exposição indexada ao IPCA, que corresponde a 26,03% do portfólio, possui yield médio de IPCA + 9,90% a.a. e duration de 388 dias úteis. Já a parcela prefixada, representando 3,47% do PL, entrega yield de 14,19% a.a. e conta com duration média de 1.145 dias úteis.

Além disso, o fundo mantém 3,55% do patrimônio líquido investido em FIDCs FIAGRO, os quais apresentam yield de 2,86% a.a. Encerramos o mês com uma liquidez de 16,29% do PL, o que nos dá flexibilidade para buscar novas oportunidades de alocação nos mercados primário e secundário, com foco na diversificação entre os principais setores do agronegócio.

O valor da cota encerrou o mês de dezembro sendo negociado com um desconto aproximado de 26% em relação à cota patrimonial. Consideramos esse cenário uma oportunidade atrativa, dado que a carteira conta com mais de 38 emissores, yield média superior a CDI + 1,96% ao ano e duração média próxima de 2,19 anos — características que reforçam o potencial do fundo como uma alternativa eficiente de diversificação, que contribui para o desenvolvimento da cadeia agroindustrial brasileira e conecta o investidor às oportunidades do campo com segurança e solidez.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Novas Alocações

Atualmente, o fundo mantém exposição de 1,85% ao CRA Aliança Agrícola (CRA02300CI2), com vencimento em 15/05/2028. Trata-se de uma posição acompanhada de forma próxima pela gestão, inserida dentro do limite de risco do portfólio, e para a qual observamos fundamentos operacionais e jurídicos que sustentam uma expectativa favorável de resolução e recuperação integral do crédito.

Em janeiro/25, o CRA teve seu vencimento antecipado em função do não pagamento pontual dos eventos de lastro e do título. A Assembleia Extraordinária dos detentores do CRA que estava prevista no dia 28/01/2025 perdeu o objeto. A ECOAGRO, na qualidade de securitizadora e no cumprimento de seu dever fiduciário, adotou prontamente as providências necessárias, notificando as partes envolvidas e promovendo a transferência dos recursos da conta vinculada para a conta centralizadora. Esses recursos são suficientes para a quitação integral da operação, incluindo juros e mora, e o processo de resgate já se encontra em curso, em linha com os documentos da oferta. Apesar das discussões em torno de eventuais questionamentos judiciais, reforça-se o entendimento de que o CRA possui caráter extraconcursal, o que contribui para uma visão construtiva em relação à liquidação, motivo pelo qual seguimos aguardando os trâmites operacionais, sem constituição de provisão.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	25,67%	6,89%	9,87%
CDI +	38,62%	2,76%	5,85%
% CDI	14,82%	106,09%	103,24%
Prefixado	3,42%	13,74%	14,19%
Operação Compromissada	17,46%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
LAR COOPERATIVA								
21/08/2025	16/08/2032	3.000	R\$ 2.965.934,70	0,77%	PRE	14,55%	15,03%	CRA025006NB
21/08/2025	15/08/2030	12.000	R\$ 12.271.750,37	3,17%	%CDI	106,00%	101,79%	CRA025006NA
VALE DO TIJUCO								
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.556.103,38	3,24%	CDI	1,60%	1,29%	CRA0240099E
11/06/2025	16/10/2034	8.000	R\$ 8.370.735,58	2,16%	CDI	1,48%	1,29%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 9.138.738,78	2,36%	IPCA	6,90%	8,71%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 5.103.302,40	1,32%	IPCA	6,62%	8,71%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 6.411.023,65	1,66%	IPCA	7,09%	8,71%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.107.693,87	2,61%	CDI	1,10%	1,34%	CRA02400AHV
22/09/2025	15/09/2032	3.500	R\$ 3.629.428,00	0,94%	PRE	14,48%	14,50%	CRA025007KE
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 608.552,43	0,16%	CDI	1,40%	1,03%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 836.759,59	0,22%	CDI	1,50%	1,03%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 2.558.326,73	0,66%	CDI	5,35%	3,33%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.644.734,37	0,68%	CDI	1,50%	3,36%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.997.953,00	0,52%	CDI	2,90%	3,20%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 10.017.387,82	2,59%	CDI	3,00%	3,16%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 324.025,72	0,08%	CDI	5,00%	9,48%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 834.229,11	0,22%	CDI	4,50%	10,36%	CRA022007KF
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 21.765.926,04	5,63%	IPCA	6,23%	9,85%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 9.036.261,92	2,34%	CDI	3,00%	2,70%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 22.889.206,00	5,92%	IPCA	7,47%	9,91%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 7.595.114,74	1,96%	IPCA	7,18%	11,61%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 7.986.119,27	2,06%	IPCA	6,53%	8,72%	CRA022003JT
10/10/2025	15/10/2032	2.000	R\$ 2.072.823,11	0,54%	CDI	0,33%	0,21%	CRA025008NB
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.667.168,52	4,31%	IPCA	6,99%	10,97%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 1.761.333,88	0,46%	IPCA	7,20%	10,43%	CRA022006BU
EXPOCACCER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 914.561,30	0,24%	CDI	4,50%	4,29%	CRA02200798

RELATÓRIO GERENCIAL

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

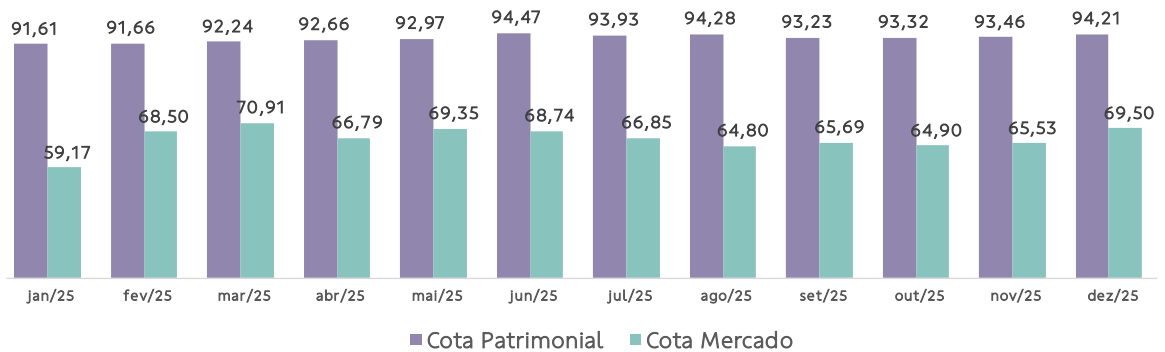
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 7.048.272,18	1,82%	CDI	1,50%	1,50%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 2.771.697,87	0,72%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 3.009.559,96	0,78%	CDI	3,50%	3,52%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 2.006.373,31	0,52%	CDI	3,85%	3,52%	CRA022008YD
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 2.049.157,47	0,53%	CDI	2,95%	1,30%	CRA0220099D
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.047.059,88	0,27%	CDI	2,10%	3,51%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.066.868,01	0,79%	CDI	3,00%	1,95%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 881.925,65	0,23%	CDI	4,70%	4,41%	CRA023006SH
12/06/2025	27/12/2027	4.514	R\$ 1.990.506,20	0,51%	CDI	4,63%	4,41%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.013.069,98	0,78%	CDI	3,80%	3,71%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.013.069,98	0,78%	CDI	3,80%	3,71%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.682.046,32	0,43%	CDI	3,67%	3,71%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.532.674,95	1,95%	CDI	3,75%	3,71%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 7.061.009,20	1,82%	CDI	5,00%	3,98%	CRA02300CI2
BGT PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.598.491,77	0,93%	PRE	11,96%	12,97%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.119.107,11	1,32%	%CDI	105,00%	103,39%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.347.996,27	0,35%	CDI	3,50%	1,62%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 2.695.183,90	0,70%	CDI	3,50%	1,62%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 3.162.659,18	0,82%	CDI	3,00%	156,31%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 688.784,77	0,18%	CDI	4,00%	2,77%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 4.747.414,99	1,23%	CDI	3,50%	3,73%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.046.819,83	2,85%	%CDI	109,00%	102,33%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 14.799.276,64	3,82%	%CDI	104,00%	102,33%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.028.946,23	1,30%	CDI	2,30%	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.106.059,16	1,06%	CDI	2,35%	1,87%	CRA025000MJ
COOXUPE								
01/07/2025	17/06/2030	10.000	R\$ 10.037.202,93	2,59%	%CDI	107,50%	108,22%	CRA025003UZ
BOA SAFRA								
02/09/2025	16/02/2032	4.000	R\$ 4.090.087,63	1,06%	%CDI	104,00%	100,88%	CRA025006SR
SÃO SALVADOR								
13/10/2025	17/10/2033	3.000	R\$ 3.052.825,66	0,79%	PRE	14,18%	14,44%	CRA025008ND
MULTITECNICA								
17/11/2025	17/01/2031	5.000	R\$ 5.092.746,50	1,32%	CDI	1,30%	1,30%	CRA025008SS
URA AGRO								
12/06/2024		5.898	R\$ 3.497.437,11	0,90%	CDI	4,75%	4,75%	BR023VCTF0J2
SUMITOMO								
04/08/2025		9.825.971	R\$ 10.034.888,83	2,59%	CDI	2,20%	2,20%	BR0DG5CTF008

RELATÓRIO GERENCIAL

www.bbasset.com.br

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de dezembro, a carteira do BBGO11 observou 67,71% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 32,29% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 25,67% dos CRAs, ao CDI 53,45% e prefixados 3,42%, diversificados em 41 diferentes emissores.

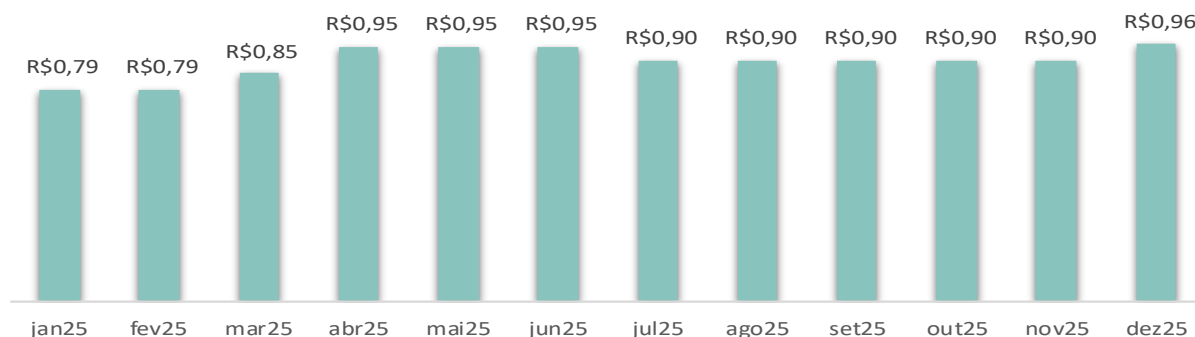


Demonstrativo de Resultado

DRE (R\$ Milhões)	jul2025	ago2025	set2025	out2025	nov2025	dez2025
Receitas	5,05	5,81	-0,33	4,07	4,22	6,04
Rendimento CRA	3,83	3,52	3,84	4,08	3,23	3,64
MTM CRA	0,46	1,12	-4,91	-0,71	0,41	-0,15
Outras Receitas	0,76	1,16	0,73	0,70	0,59	2,55
Despesas	-0,49	-0,42	-0,41	-0,43	-0,36	-0,40
Taxa de Administração	-0,21	-0,19	-0,20	-0,03	-0,03	-0,03
Outras Despesas	-0,28	-0,23	-0,20	-0,40	-0,33	-0,37
Resultado Líquido	4,56	5,39	-0,74	3,64	3,87	5,64
Distribuição	3,60	3,60	3,60	3,60	3,60	3,84
Resultado por cota (R\$)	1,14	1,35	-0,18	0,91	0,97	1,41
Distribuição por cota (R\$)	0,90	0,90	0,90	0,90	0,90	0,96

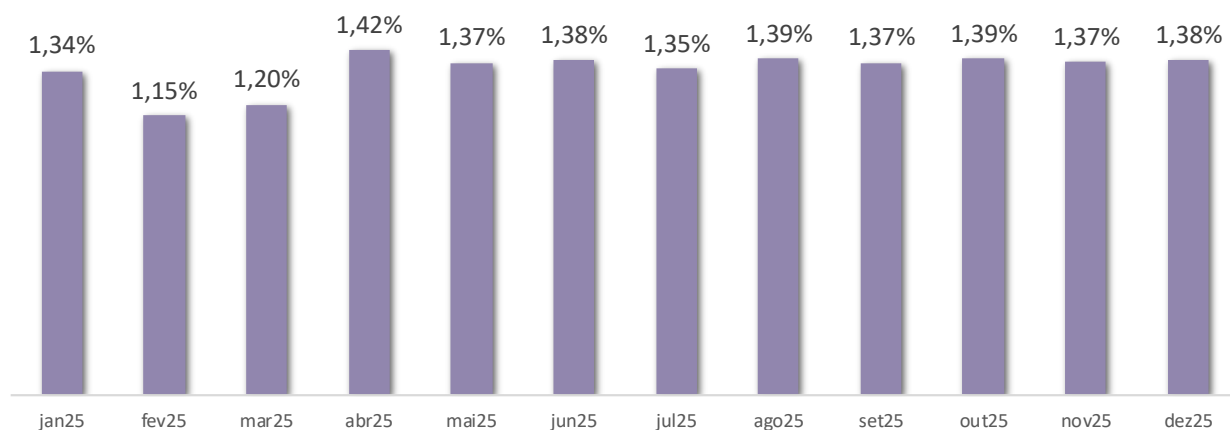
Rendimentos Mensais

Dividendos (mensal)



No mês o BBGO11 distribuiu R\$0,96 por cota equivalente a um dividend yield de 1,38% a.m. Anualizando este valor obtém-se um dividend yield de 17,88% a.a. Utilizando o CDI do mês de dezembro de cerca de 1,22%, este rendimento equivale a uma rentabilidade de 133,08% do CDI não isento de imposto de renda.

Dividend Yield da Carteira (mensal)

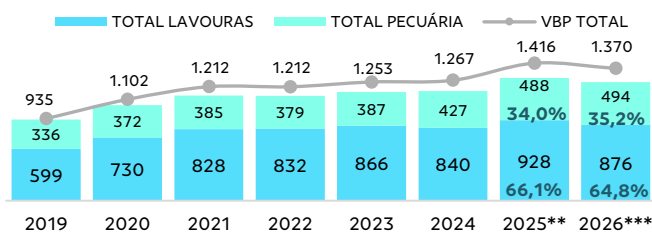


Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária em novembro de 2025, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) estimado para o ano foi de R\$ 1,416 trilhão, representando crescimento de 11,8% em relação à safra de 2024. Esse resultado reflete o desempenho positivo tanto da agricultura quanto da pecuária. Para 2026, o primeiro prognóstico, ainda preliminar, indica VBP de R\$ 1,370 trilhão, sinalizando retração na agricultura e pequeno avanço na pecuária. As estimativas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de novembro de 2025.

VBP da Lavoura e Pecuária*



* Valores em termos reais, deflacionados pelo IGP-DI de novembro de 2025

** Valor Preliminar com base no período janeiro a novembro de 2025

*** 1º Prognóstico para o ano.

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

Fonte: Min. Agricultura / Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

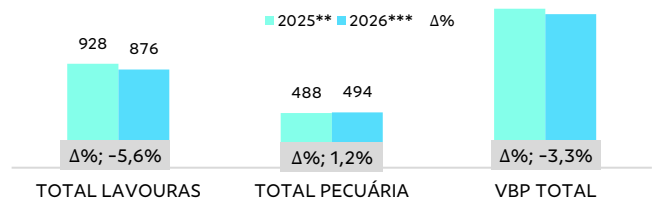
O crescimento de 11,8% no Valor Bruto da Produção (VBP) em 2025 decorre da combinação entre aumento da produção física e valorização dos preços no mercado, impulsionada tanto pela pecuária quanto por culturas agrícolas de maior relevância econômica.

Os ganhos na produção agrícola refletiram condições climáticas mais favoráveis em comparação ao ciclo anterior e maior eficiência no uso de insumos, culminando em recorde na produção de grãos no ciclo 2024/25. Para a safra agrícola de grãos 2025/26, o primeiro prognóstico aponta perda de ritmo para importantes culturas como milho, café, cana-de-açúcar e algodão, enquanto que para a soja, a expectativa é de crescimento no faturamento.

Na pecuária, a manutenção de altos volumes de abate de bovinos, somada ao bom desempenho das cadeias de aves e suínos, sustentou o crescimento do VBP em 2025. O setor foi impulsionado por preços valorizados, abertura de novos mercados, retomada das exportações de carne de aves e demanda aquecida interna e externa, especialmente da Ásia.

Para 2026, a primeira projeção de VBP sugere manutenção da boa dinâmica e expansão na pecuária, ainda que em menor ritmo após o forte desempenho de 2025. Os principais destaques seguem nas cadeias de bovinos, aves e suínos. No caso da pecuária bovina, apesar da esperada reversão do ciclo e queda nos abates, preços valorizados ainda devem dar suporte ao bom faturamento neste ano.

VBP Agropecuária*



* Valores em termos reais, deflacionados pelo IGP-DI de novembro de 2025

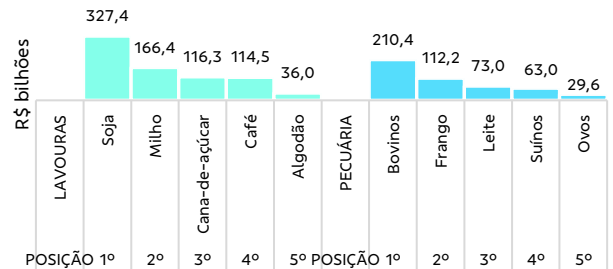
** Valor Preliminar com base no período janeiro a novembro de 2025

*** 1º Prognóstico para o ano.

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados

Fonte: Min. Agricultura / Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

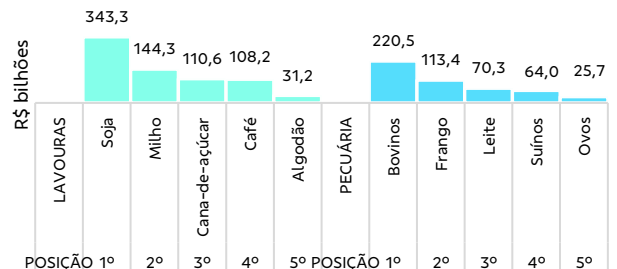
Posição dos Produtos com Maior VBP
Estimativa para 2025



Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Estimativa: Outubro/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Posição dos Produtos com Maior VBP
Estimativa para 2026



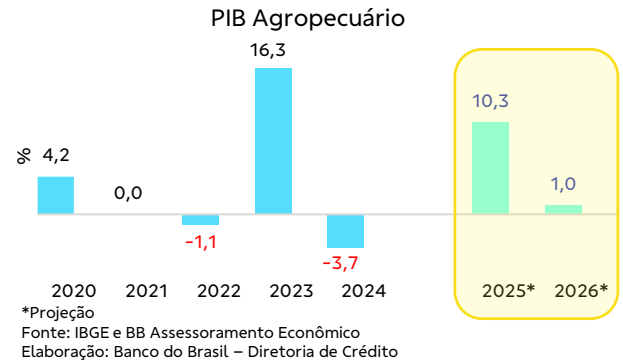
Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Estimativa: Novembro/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

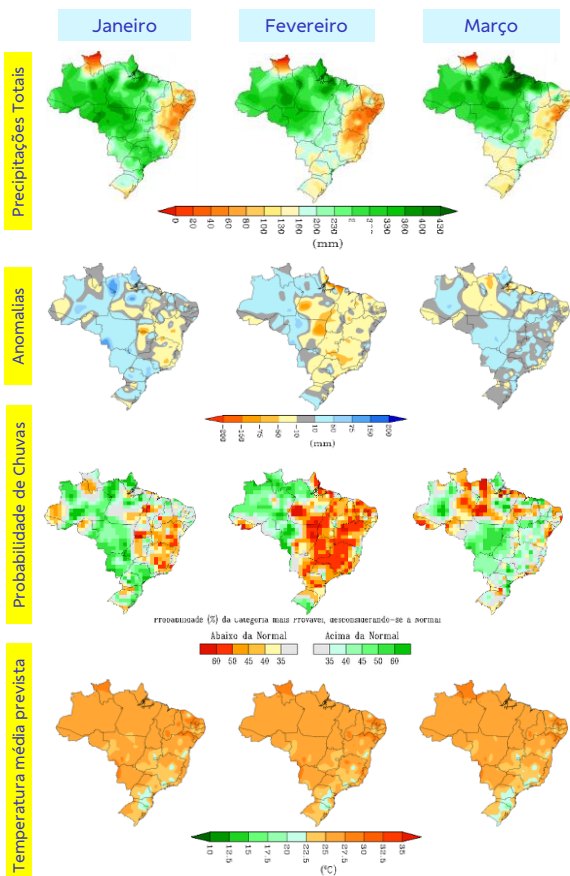
PIB Agropecuário

Após a retração de 3,7% no PIB agropecuário em 2024 em razão das condições climáticas adversas que afetaram a safra 2023/24, o ano de 2025 deve encerrar com uma expansão de 10,3% no setor, com principais impulsos vindos da produção recorde de grãos no ciclo 2024/25.

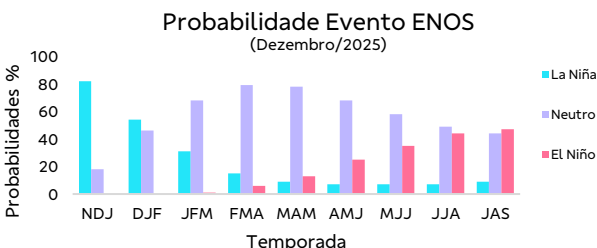
Para 2026, projeta-se novo crescimento no PIB Agro, embora em forte desaceleração, diante do esperado recuo na produção de diversas culturas como arroz, feijão, algodão e milho.



Clima



Observações: "Precipitações totais" indicam a quantidade de chuvas esperadas em milímetros. "Anomalias" aponta grandes desvios em milímetros comparativamente à média histórica. "Probabilidade de Chuvas" acima ou abaixo do normal.



Para o trimestre janeiro-fevereiro-março, período tipicamente mais chuvoso, projetam-se grandes volumes de precipitação na maior parte do país, exceto na Região Nordeste, norte de Minas e alguns trechos da Região Sul, bem como ausência de maiores anomalias esperadas e temperaturas predominando entre 25°C e 27,5°C, conforme projeções do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

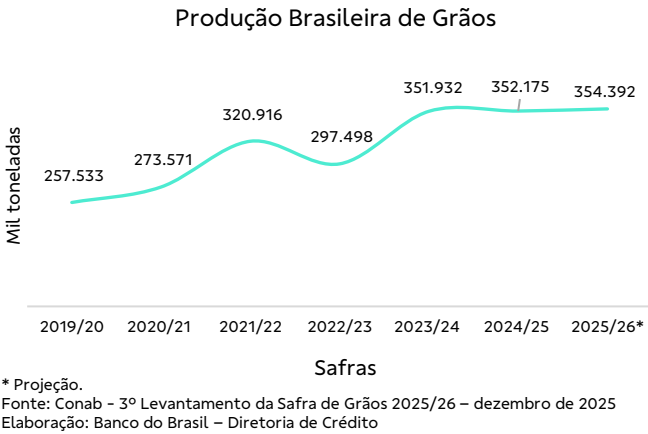
Ainda que, para o período, as projeções do INMET também indiquem probabilidades de chuvas abaixo do normal em alguns pontos do Matopiba, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Paraná, notadamente em fevereiro, de maneira geral o clima para os próximos meses mostra-se favorável ao desenvolvimento das principais culturas agrícolas da safra de verão do país e afasta surpresas em termos de revisões representativas nas estimativas de produção de grãos atualmente projetadas pelo mercado para o ciclo 2025/26, inclusive mitigando riscos para a janela de plantio da safrinha.

Em relação aos eventos climáticos El Niño-Oscilação Sul (ENOS), a última previsão do *International Research Institute for Climate and Society* (IRI), da Universidade de Columbia, em parceria com o *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA), segue confirmando que o fenômeno La Niña permanece ativo, porém com intensidade e riscos pontuais sobre a Região Sul, e maiores chances de transição para condições neutras já entre janeiro e março de 2026, quando as probabilidades para manutenção do fenômeno reduzem para 31% e de neutralidade climática passa a atingir 68%, condição que persistiria até o trimestre junho-julho-agosto.

A partir do trimestre julho-agosto-setembro do próximo ano, no entanto, chama a atenção que passa a predominar a maior probabilidade de um novo fenômeno El Niño. Nesse caso, o fenômeno associa redução nas precipitações no Norte e Nordeste, além de excessos hídricos no Sul, levantando novas preocupações para o ciclo agrícola 2026/27.

Destaques – Produção de Grãos

Para a safra 2025/26, a terceira projeção da Conab indica uma produção total de 354,4 milhões de toneladas, volume 0,6% ou 2,2 milhões de toneladas superior ao obtido em 2024/25. Ainda segundo a Conab, a área a ser semeada deverá crescer 3,0% em relação ao ciclo anterior, sendo estimada em 84,2 milhões de hectares. Esse incremento representará a incorporação de 2,5 milhões de hectares ao cultivo. Ressalte-se que o ciclo está em fase inicial e que os dados podem ser atualizados e refinados ao longo dos próximos levantamentos com o desenvolver dos cultivos.

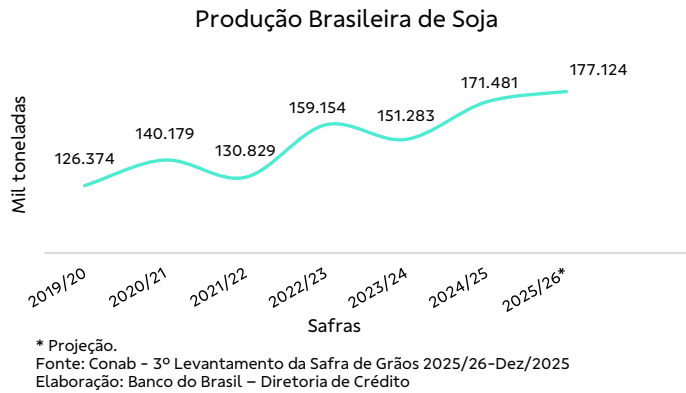


Vale destacar que, em razão da ampla extensão territorial e da diversidade climática do Brasil, o calendário agrícola nacional contempla três safras distintas ao longo do ano. A primeira safra tem semeadura entre o final de agosto e dezembro. Na segunda safra ou “safrinha” os plantios são realizados entre janeiro e meados de abril, enquanto a terceira safra e culturas de inverno têm os cultivos iniciando entre abril e junho. A segunda safra, bem como parte das culturas de inverno e da terceira safra, sucede à colheita da primeira safra, aproveitando o ciclo anterior para otimizar o uso da terra e dos recursos produtivos. Assim, sobressai a importância do cultivo adequado na primeira safra, com janela correta de produção, para influenciar o bom desempenho das safras subsequentes.

Soja

No final de dezembro de 2025, o plantio da safra de soja 2025/26 já encontrava-se praticamente concluído e com produção estimada de 177,1 milhões de toneladas, 3,3% superior à registrada no ciclo 2024/25, o que representaria novo recorde de produção. Vale destacar, no entanto, que irregularidades de chuvas afetaram o plantio de algumas regiões do Centro-Oeste, Norte/Nordeste, Minas Gerais e no Rio Grande do Sul e outras estimativas apontam para crescimentos mais modestos, como o primeiro prognóstico do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualizado em dezembro de 2025, que indica avanço de 1%.

A demanda externa pelo grão continua sendo um dos principais fatores de estímulo ao cultivo, orientando as estratégias da safra 2025/26. Soma-se a isso o consumo interno aquecido, impulsionado pelas indústrias de alimentos, ração animal e óleo de soja. Para esta temporada, está previsto o cultivo de 48,93 milhões de hectares de soja, um avanço de 3,4% em relação à safra anterior, segundo a Conab. Esse crescimento será viabilizado, sobretudo, pela recuperação de áreas de pastagem degradadas, pela substituição do arroz pela oleaginosa — em razão de sua maior rentabilidade — e pela abertura de novas áreas.



Desempenho no campo		
Soja	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	13,3%	+3,3%
Produtividade (kg/ha)	10,3%	0,1%
Área (ha)	+2,7%	+3,4%

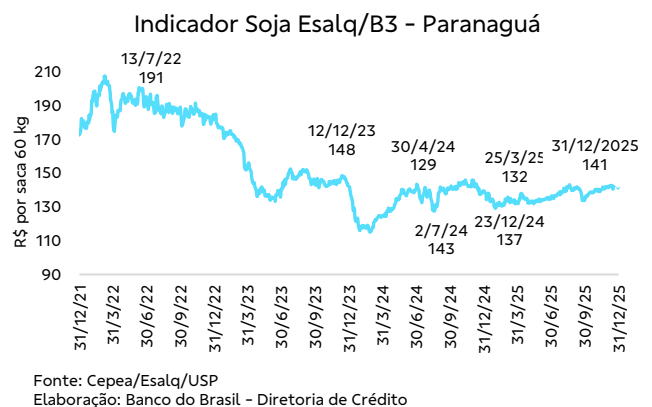
*Projeção
Fonte: Conab - 3º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - dez/2025
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Na indústria, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) projeta aumento na demanda, com estimativa de esmagamento de 60,5 milhões em 2026, crescimento de 3,4% em relação aos 58,5 milhões de toneladas de 2025. O farelo de soja, principal derivado, deve registrar alta de 3,3% em 2026, após crescer 5,7% em 2025, impulsionada pela demanda externa para ração animal. Já a produção de óleo de soja encerra 2025 evoluindo 3,2% e deve crescer 3,9% em 2026, sustentada pelo consumo interno da indústria alimentícia, especialmente para óleo de cozinha.

Preços e Custos – Ao longo de 2025, os custos das lavouras permaneceram pressionados, com destaque para os gastos com fertilizantes e defensivos, o que tornou as margens menos atrativas para os produtores, haja vista que os preços não apresentaram valorização compatível. O principal fator de alta nos insumos continua sendo a restrição de oferta diante de uma demanda global aquecida. Além disso, o custo do capital segue elevado, refletindo a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista, o que encarece o financiamento da produção e de necessidades de capital de giro.

Prospectivamente, segundo a Consultoria Agro do Itaú BBA, a tendência dos preços dos defensivos e fertilizantes para os próximos meses é de continuidade de ajustes, porém com acomodação em patamares ainda elevados. Além disso, o setor permanece vulnerável a possíveis tensões geopolíticas, capazes de desestabilizar novamente os fundamentos do mercado.

Em relação à cotação da commodity, após trajetória de forte retração entre 2022 e início de 2024, os preços mostraram tendência gradual de recuperação, embora com oscilações típicas de mercado e em ritmo não capaz de acompanhar as pressões observadas nos custos de produção. Mais recentemente, a adoção de política protecionista pelos EUA contra a China alterou o ritmo de compras chinesas pela soja brasileira, gerando maior demanda e prêmios mais pressionados nos portos no primeiro momento, ainda que o contexto tenha fragilizado o preço de referência internacional na bolsa de Chicago.



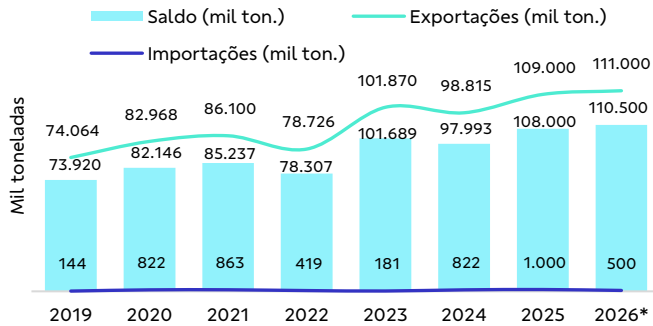
Com o acordo entre os dois países em outubro prevendo retomada das compras da soja americana pela China, níveis de estoques já adquiridos pelo país chinês e a ampla oferta global da commodity, não se vislumbra espaço para movimentos mais consistentes de valorização à frente, ainda que a forte demanda por biodiesel, as incertezas ainda presentes com a guerra tarifária, volatilidades cambiais esperadas e os riscos de um novo El Niño no segundo semestre possam exercer outras forças nas cotações ao longo de 2026.

Na indústria, por sua vez, a ausência de expectativa de valorização mais acentuada nos preços futuros da commodity representa algum alívio em termos de custos de produção nas empresas da cadeia produtiva da soja, tais como produtoras de óleo, biodiesel, farelo e ração animal.

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino, que respondeu por 78,9% das exportações do país nos últimos 12 meses, até dezembro de 2025. A produção brasileira recorde no ciclo 2024/25, a demanda externa aquecida e a guerra comercial entre EUA e China foram fatores que beneficiaram as vendas externas no ano, cuja estimativa da Abiove é de incremento de 10,3% em 2025. Com a expectativa de continuidade na demanda global e de nova expansão na produção brasileira no ciclo 2025/26, projeta-se a continuidade do crescimento das vendas externas do Brasil em 2026, cujo incremento deve ser de 1,8% em 2026, conforme projeção da Abiove.

Para a indústria de farelo de soja, as estatísticas da Abiove apontam para uma expansão de 2,0% nas exportações em 2025 e de 4,2% em 2026, mesmo diante de um cenário de consumo interno aquecido, com crescente demanda da indústria de ração animal. Paralelamente, há, ainda, a demanda interna de soja pela indústria de óleo (óleo de cozinha e biodiesel) com significativo potencial de crescimento, o que limita a capacidade de exportações.

Balança Comercial – Soja em Grãos Acumulado/Ano

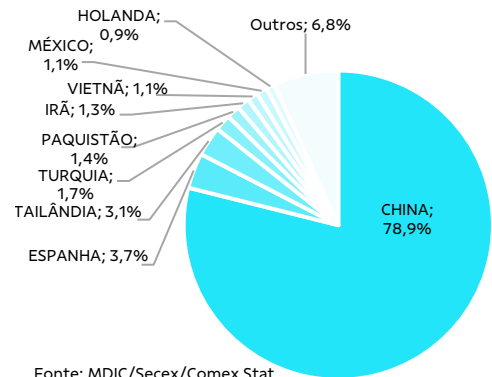


*2026 = Projeção Abiove

Fonte: Abiove, Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações por Destino Complexo da Soja – Acumulado em 2025



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Milho

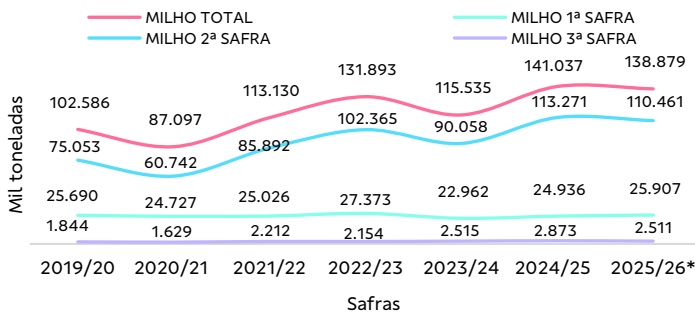
Após o desempenho recorde da safra 2024/25, impulsionado por ganhos de produtividade e expansão da área plantada, o ciclo 2025/26 avança com a semeadura da primeira safra quase finalizada e estimativas de redução de 1,5% na produção do conjunto das três safras, segundo a Conab, embora ainda represente o segundo maior volume registrado no país.

Na 1ª safra, cujo plantio ocorre de setembro a dezembro e a colheita entre fevereiro e maio, as estimativas apontam para reversão da tendência de retração de área plantada observada nos últimos anos, ampliando em 7,2%, e com produção crescendo 3,9%. Esse movimento de expansão no plantio ocorre por meio da migração de cultivo de arroz e feijão, ainda que a boa produtividade do último ciclo não deva se repetir, sendo esperada queda de 3,1% na produtividade.

Para a 2ª safra “safrinha”, mais expressiva e atualmente em fase inicial, as estimativas apontam para condição semelhante em termos de maior área plantada e menor rendimento, que, nesse caso, deve levar a produção a uma redução de 2,4% em relação à safra correspondente do ciclo 2024/25. O atraso e ou necessidade de replantio da soja em algumas regiões, assim como a redução no pacote tecnológico usado pelos produtores e outras alternativas de cultivo como sorgo, feijão, milho ou plantas de serviço, são os principais vetores de riscos que podem comprometer as estimativas à frente.

Já a 3ª safra do período 2025/26, com um montante de produção mais residual, inicia-se no 2º semestre, sendo semeada em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. A expectativa de produção ainda é muito preliminar, mas aponta para forte retração após o crescimento recorde estimado em 14,25% no ciclo que encontra-se em fase final de colheita.

Produção Brasileira de Milho



*Projeção.

Fonte: Conab – 3º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – dez/2025

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2024/25	2025/26*
Produção total (mil ton.)	+22,1%	-1,5%
Produtividade (kg/ha)	+16,5%	-5,4%
Área (ha)	+3,8%	+4,1%

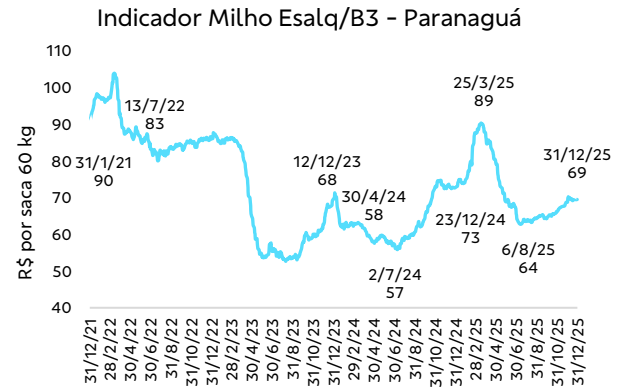
*Projeção.

Fonte: Conab – 3º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 – dez/2025

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

O expressivo aumento na produção de grãos da safra 2024/25, aliado à crescente demanda por derivados do milho — como farelo e óleo para biodiesel — impulsionou significativamente a indústria de processamento ao longo do ano passado. Nesse cenário, a expansão da produção de proteína animal mantém a expectativa de elevação da demanda por ração à base de farelo de milho para 2026, enquanto o setor de óleos vegetais amplia sua participação tanto na alimentação quanto na produção de biocombustíveis. O etanol de milho já responde por mais de 20% do total produzido no Brasil, consolidando-se como alternativa estratégica diante da menor oferta de etanol de cana-de-açúcar. As projeções indicam que os investimentos na cadeia do etanol de milho devem superar R\$ 40 bilhões até 2029, podendo elevar sua participação para cerca de 40% da produção nacional de biocombustíveis. Esse movimento reforça a importância do milho na matriz energética renovável e consolida o papel do Brasil como protagonista no mercado global de bioenergia.

Preços e Custos – A partir de julho de 2025, observou-se movimento de inversão e recuperação parcial nos preços que haviam perdido força entre março e junho com a entrada das boas safras no Brasil e na Argentina, além do aumento de área plantada nos EUA. O movimento de correção, desde então, fundamenta-se na intensificação das exportações brasileiras e no consumo doméstico em alta, com estímulos vindos do setor de rações para proteína animal e, principalmente, pela indústria de etanol de milho, que devem seguir como principais fatores de sustentação dos preços internos à frente, ainda que a ampla disponibilidade interna – reflexo de estoques de passagem acima dos da temporada anterior – e em meio às boas expectativas de produção no ciclo sejam fatores limitantes.



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Esse cenário segue restringindo a recuperação mais consistente das margens de rentabilidade do produtor, em ambiente já afetado por condições financeiras mais fragilizadas diante do histórico recente de avanço nos custos de produção, elevada alavancagem, custo do capital em alta e intempéries climáticas observadas em safras anteriores.

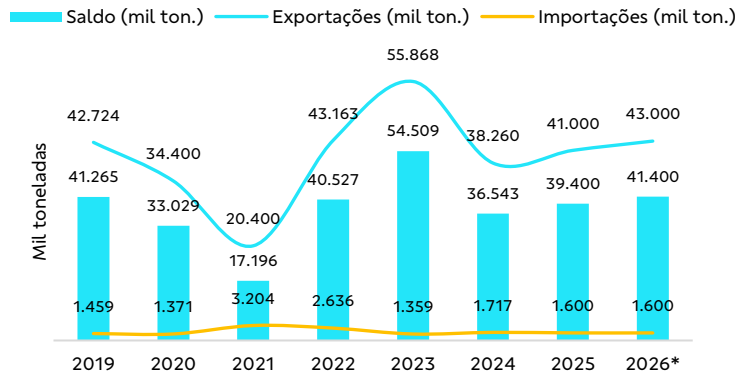
No mesmo sentido, os preços do farelo de milho mantêm uma dinâmica de ajuste mais lenta, apesar da demanda crescente do setor de rações, que é beneficiada pelo avanço da indústria de proteína animal. As cotações dependem das margens das indústrias e da competitividade frente a outros ingredientes. A interação entre os mercados de milho e soja exerce influência relevante, devido ao caráter complementar na oferta e substitutivo na demanda desses insumos.

No mais, fatores como taxa de câmbio, bem como as condições de infraestrutura logística e armazenagem no Brasil, continuam a afetar diretamente a capacidade de geração de receitas dos produtores.

Exportações – No acumulado de 2025, as exportações brasileiras de milho representaram cerca de 21,9% do total mundial, consolidando o país como segundo maior exportador da commodity, atrás apenas dos Estados Unidos (38,9%). No período, aproximadamente 97% das remessas externas do complexo do milho foram na forma de grãos, enquanto 2,2% de farelo e 0,3% corresponderam a óleo e biodiesel.

A maior oferta de milho brasileiro em 2024/25, combinada à demanda externa aquecida, estimularam o crescimento das exportações em 2025, estimado em 7,2%. Para 2026, no entanto, em meio à forte demanda interna, queda esperada na produção brasileira do grão e maior oferta global, espera-se perda de ritmo nas exportações, ainda que sob forte consumo externo e mantendo elevados volumes de remessas.

Balança Comercial - Milho Acumulado/Ano

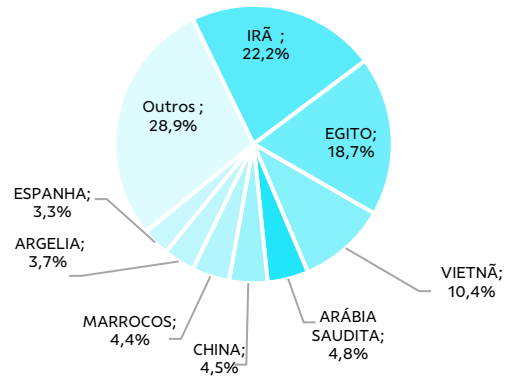


*2026 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações por Destino Milho - Acumulado em 2025



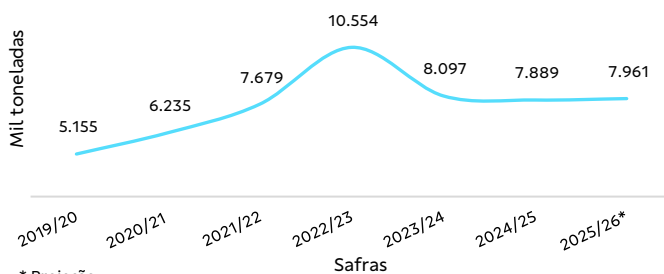
Fonte: MDIC/SECEX; Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Trigo

Com a colheita da última safra sendo encerrada, a produção nacional de trigo é estimada em 7.961,2 mil toneladas, volume 0,9% superior ao registrado no ciclo anterior. Esse crescimento decorre de ajustes realizados ao final da safra no Paraná e Santa Catarina, impulsionados pelas condições climáticas predominantemente favoráveis ao longo do ciclo, ainda que tenham ocorrido, pontualmente, fatores climáticos adversos em algumas regiões. Prospectivamente, a expectativa é de que a baixa atratividade da cultura, diante de preços menos atrativos, deva limitar o ritmo de cultivo no país.

Produção de Trigo



* Projeção.

Fonte: Conab - 3º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - dez/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	-2,6%	+0,9%
Produtividade (kg/ha)	+10,6%	+26,3%
Área (ha)	-11,9%	-20,1%

*Projeção

Fonte: Conab - 3º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - dez/2025

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

A atividade de moagem de trigo para 2026 deve apresentar uma trajetória de estabilidade, com avanço de cerca de 2% comparando-se a 2025, segundo a Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), sendo o principal fator de sustentação da produção brasileira de trigo. Apesar disso, as moageiras continuarão dependendo de grandes volumes importados para atender à demanda por farinha. Nesse sentido, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que a produção da Argentina, principal fornecedora de trigo ao Brasil, crescerá 29,7% na safra atual, dando suporte para compras externas brasileiras. O consumo de derivados de trigo permanece sustentado por fortes hábitos de alimentação, pela resiliência do mercado de trabalho e pelo avanço da renda real, fatores que impulsionam a produção, as vendas e o faturamento do setor.

Preços e Custos – Após recuperar as perdas registradas no segundo semestre de 2024, as cotações do trigo voltaram a cair a partir de abril de 2025. Atualmente, o preço médio no Paraná é o menor desde abril de 2024, tendo caído 21,6% nos últimos seis meses e no Rio Grande do Sul a queda foi de 23,3% no mesmo período. A pressão baixista é explicada por estoques de passagem elevados, pela manutenção do dólar abaixo de R\$ 5,50 em dezembro e pela queda nos preços internacionais, reflexo da expectativa de uma safra mundial recorde.

No cenário doméstico, os custos de produção seguem pressionados. Apesar dos preços do insumo terem recuado em relação as máximas observadas no meio do ano, especialmente em virtude do alívio nos riscos geopolíticos. Para os próximos meses, espera-se continuidade da correção, mas com acomodação em níveis ainda elevados

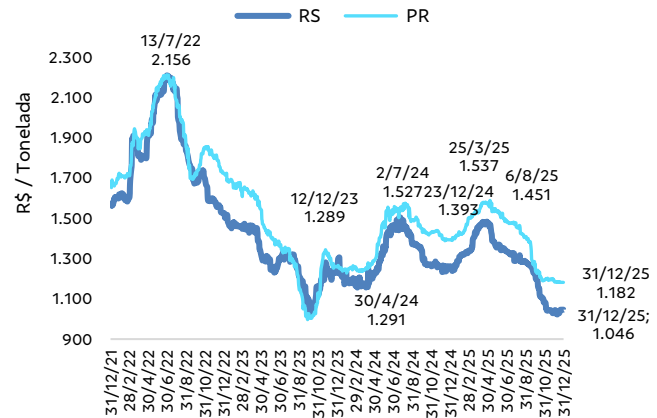
Na indústria, após perder força em 2023, o preço da farinha de trigo segue em relativa estabilidade desde 2024, com cotação média de R\$ 2.809,00 R\$/ton. entre janeiro e novembro de 2025 – últimos dados disponíveis. No mais, a descompressão nos custos de aquisição do cereal tem beneficiado a indústria. Por outro lado, a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista por um período prolongado continua pressionando o custo do capital, tanto para os produtores quanto para a indústria.

Mercado Externo – O Brasil importa historicamente a maior parte do trigo consumido, representando 56% da necessidade interna em 2025. Dados mais recentes demonstram que a Argentina, principal fornecedora, exportou ao Brasil o percentual de 78,6% do total adquirido pelo país no acumulado de janeiro a dezembro de 2025.

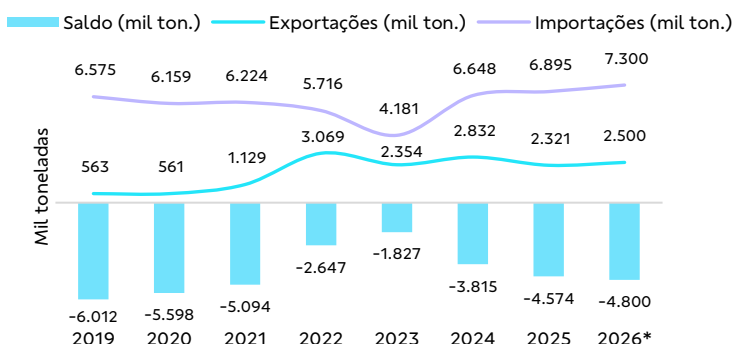
O ano de 2025 encerrou com 6,9 milhões de toneladas de trigo adquiridos do exterior, o que representou aumento de aproximadamente 3,7% em relação a 2024, tracionada pela redução de 2,6% da produção nacional no ciclo passado.

Para 2026, segundo o Departamento de Agricultura dos estados Unidos (USDA), apesar do ritmo de produção do trigo ganhando força, diante do consumo persistente, espera-se manutenção dessa dinâmica de importações crescentes, com incremento esperado de 5,9%.

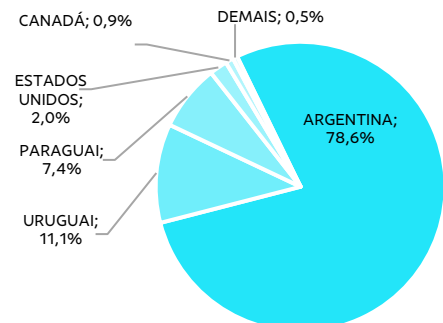
Indicador do Trigo Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Balança Comercial do Trigo
Acumulado/Ano

*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem
Acumulado - 2025

Fonte: MDIC/Secex; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

De acordo com o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), correspondente ao 3º Levantamento da Safra de Cana-de-Açúcar 2025/26, divulgado em novembro de 2025, o último ciclo de colheita e comercialização, iniciado em abril de 2025, deve se encerrar com 666,4 milhões de toneladas. Embora ainda apresente retração sobre a safra anterior (10,5 milhões de toneladas), revela uma expectativa mais otimista frente às projeções iniciais de queda de 23,6 milhões de toneladas, divulgadas no início da colheita.

O ciclo de desenvolvimento vegetativo da presente safra (2025/26) chegou a ser afetado pelas temperaturas mais elevadas e estiagens mais prolongadas na segunda metade de 2024, além de focos de incêndio pontuais que refletiram negativamente nas áreas em desenvolvimento e de rebrota das lavouras de cana, em especial na Região Centro-Sul, que é a principal região produtora do país (91,1% da produção). Porém, com a retomada gradual das chuvas no final de 2024 e início de 2025, associado a um clima menos extremado ao longo do ano, houve alívio às lavouras, indicando que a queda mais acentuada para o rendimento da cultura, inicialmente pronunciada, foi amenizada.

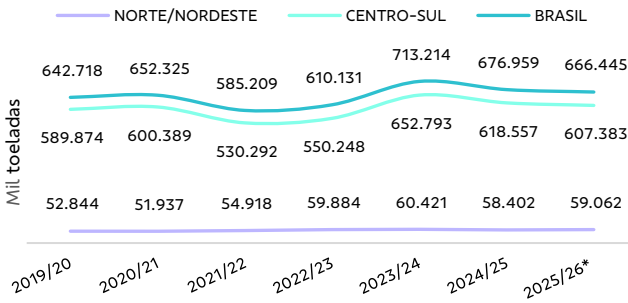
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-1,6%
Produtividade (kg/ha)	-9,8%	-3,8%
Área (mil ha.)	+5,2%	+2,4%

Produção de Derivados	2024/25*	2025/26*
Açúcar	-3,4%	+2,0%
Etanol de Cana	-1,2%	-9,5%

* Fonte: Conab; 3º levantamento da safra de cana-de-açúcar. Nov./25
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



* Projeção
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

Apesar da menor oferta de cana em relação à temporada anterior, o maior direcionamento no mix de produção para o açúcar ao longo do ano, em relação ao etanol, deve elevar a produção do adoçante para cerca de 45 milhões de toneladas, superando em 2,0% o volume de 2024/25.

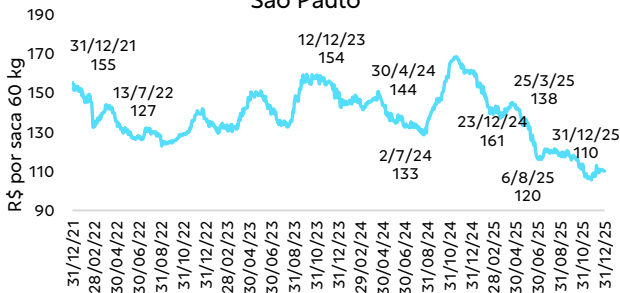
Cotações do Açúcar – A alta apontada nos preços ao longo do segundo semestre de 2024 decorreu dos efeitos nocivos do clima sobre as lavouras de cana (estiagem e temperaturas elevadas), além de focos de incêndio pontuais em algumas das áreas produtoras do Centro-Sul brasileiro e pragas nas lavouras, o que agregou riscos às expectativas de produtividade e de oferta do adoçante naquele momento, que já convivia com uma oferta mais restrita em grandes produtores globais como Índia e Tailândia.

Entretanto, a retomada das chuvas no Brasil no final de 2024 e o clima mais ameno colaboraram para o início do movimento de correção das cotações.

No mais, a expectativa de melhor produção de cana-de-açúcar em importantes produtores globais – Índia, Tailândia e outros do hemisfério norte –, além do desempenho da produção acima do esperado inicialmente para a safra brasileira 2025/26 passaram a refletir em expectativa de maior oferta do adoçante e movimento acentuado de queda nos preços em 2025, que, em dezembro, já acumulava para o açúcar cristal retração de aproximadamente 32% em relação ao mesmo período de 2024.

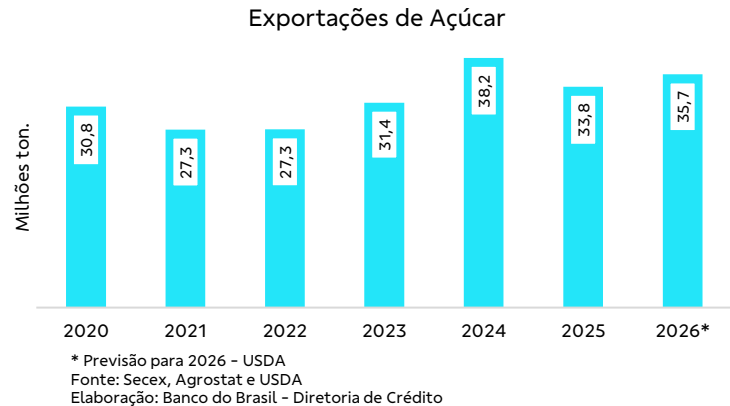
Prospectivamente, não se espera reversão do quadro superavitário do balanço global de açúcar, que deve permanecer com excedente, impedindo uma valorização consistente na cotação à frente.

Indicador do Açúcar Cristal – Cepea/Esalq São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Exportações – As exportações brasileiras de açúcar registraram queda em 2025. Foram negociadas 33,78 milhões de toneladas (Mt) de açúcar, redução de 11,6% em relação às 38,24 Mt de 2024. A receita também caiu 24,12%, passando de US\$ 18,6 bilhões para US\$ 14,1 bilhões. Essa redução foi atribuída à menor safra nacional e aos preços menos atrativos do açúcar no mercado internacional. Segundo o USDA, para 2026 está previsto um aumento de 5,6% na quantidade exportada frente a 2025. Destaque-se que são números iniciais sujeitos a ajustes à frente.



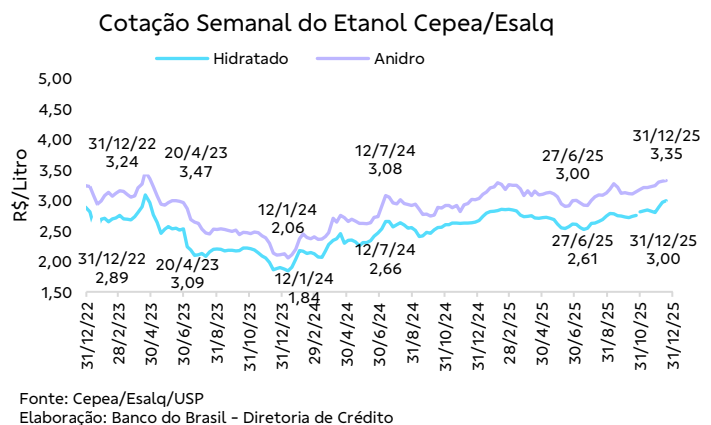
A maior oferta global de açúcar em 2025, favorecida pelo retorno da Índia e da Tailândia ao mercado internacional, aliada a menor produção doméstica, influenciou no recuo das exportações brasileiras em volume. Além disso, a forte queda nos preços internacionais da commodity está afetando desfavoravelmente o faturamento do setor exportador. Apenas nos últimos seis meses, a redução média das cotações no mercado futuro da bolsa de Nova Iorque foi de 10,7%. Para 2026, não se vislumbra reversão do balanço global de açúcar, que deve permanecer com excedente, impedindo a retomada das exportações brasileiras aos níveis de 2024.

Produção de Etanóis

Com a menor oferta da principal matéria-prima, cana-de-açúcar, nas unidades sucroenergéticas, em comparação ao ciclo anterior, e o maior mix açucareiro, a estimativa é de que a produção de etanol mostre redução de 9,5% no ciclo, com o montante produzido de 26,6 bilhões de litros, sendo 16,08 bilhões de litros de etanol hidratado e 10,5 bilhões de litros de etanol anidro, conforme dados da Conab. Contudo, a expansão do etanol de milho mitiga parcialmente a menor oferta do biocombustível a base de cana, cuja produção segue bem abaixo da necessidade de mercado.

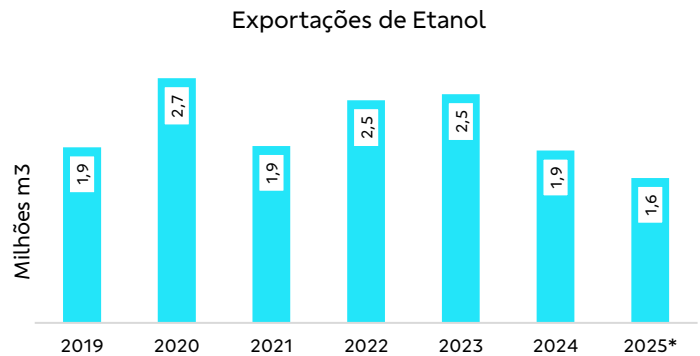
Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar que apresentavam tendência de leve queda a partir de fevereiro de 2025, iniciou movimento de reversão desde o final de julho, quando os preços começaram a apresentar leve recuperação com a elevação da mistura E27 para E30 (mistura de etanol na gasolina).

Nesse sentido, já há uma elevação no consumo estrutural de anidro, enquanto os estoques, inclusive do hidratado, se mantêm depreciados frente ao patamar médio dos últimos anos, o que deverá se manter à frente, dando suporte aos preços.



No mais, enquanto o baixo rendimento da última safra de cana e o mix açucareiro são elementos que contribuem para segurar a oferta e valorizar as cotações do etanol, a crescente produção de etanol de milho, em complementado ao biocombustível no mercado interno, inclusive a menores custos, garante a disponibilidade e evita maiores pressões sobre os preços. O milho já responde por mais de 20% da composição do etanol produzido no Brasil, reforçando seu papel estratégico na matriz de combustíveis renováveis. Por fim, a taxa de câmbio e a sensibilidade ao preço da gasolina também são vetores que afetam as condições de preço do etanol.

Exportações – Em 2025, as exportações brasileiras de etanol registraram queda de 215,8%, totalizando 1,6 bilhão de litros. A Coreia do Sul manteve-se como principal destino, absorvendo 48,4% do volume embarcado, seguida pelos Estados Unidos (15,7%) e pela Holanda (13,7%). Apesar da elevada competitividade do etanol brasileiro, fatores como o redirecionamento da produção para açúcar, o aumento da demanda interna impulsionado pela transição para uma economia de baixo carbono e ajustes no equilíbrio entre oferta e demanda nacional têm limitado os embarques externos — dinâmica observada em 2025 e que deverá se manter à frente.

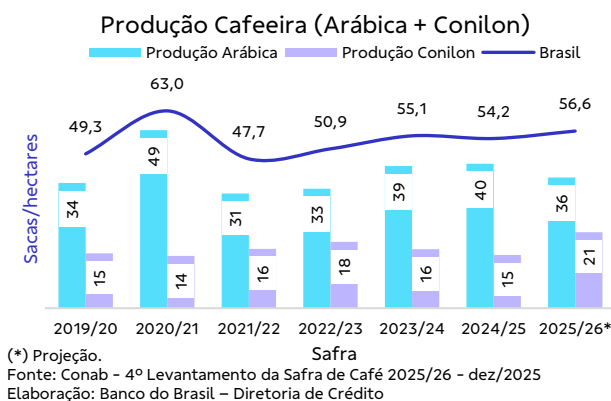


Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária; MDIC/SECEX
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Diante das medidas protecionistas adotadas pelos Estados Unidos, é relevante destacar que o etanol responde por aproximadamente 16,0% das exportações brasileiras para aquele mercado, embora somente 5% da produção seja exportada. Além disso, o Brasil vende outros produtos do setor sucroenergético, como açúcar bruto, açúcar refinado e álcool etílico. Nesse contexto, o aumento da tributação sobre a importação dos produtos brasileiros (ainda vigente) afetou as exportações do Brasil para o mercado americano, com recuo de 62,4% das remessas de álcoois (inclusive etanol) em volume após a vigência da tarifa, no acumulado de agosto-dezembro de 2025 frente ao mesmo período de 2024. No caso do açúcar, a queda foi ainda maior, com as exportações em volume recuando 73% no mesmo período, ressaltando, entretanto, que apenas 1,2% das vendas externas brasileiras de açúcar são destinadas aos EUA.

Café

Após queda na produção da safra 2024/25, o 4º Levantamento da Safra 2025/26 da Conab estima produção de 56,6 milhões de sacas de café beneficiado nas especialidades arábica e conilon, o que representa aumento de 4,3% da produção total de café.



Desempenho no Campo

Café – Safra 2025/26*	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	-9,7%	+42,1%
Produtividade (kg/ha)	-8,4%	+42,3%
Área em produção (ha)	-1,5%	-0,2%

*Projeção
Fonte: Conab – Projeção de Safra 2025/26.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Com a colheita da safra 2025/26 encerrada, o volume estimado de produção indica crescimento mesmo sendo caracterizado por ser um ciclo de baixa bianalidade. O maior destaque ficou com a especialidade conilon, com crescimento de 42,1% na produção. O bom desempenho da especialidade é reflexo da melhora gradual do clima no 2º semestre de 2024, com maior volume pluviométrico que viabilizou a emissão das primeiras floradas.

No caso do arábica, a redução esperada é de 9,7% sobre a produção da safra 2024/25, haja vista a influência dos períodos de menor precipitação e altas temperaturas que antecederam as fases iniciais da floração das lavouras no segundo semestre de 2024, além do ciclo de bianalidade baixa da temporada. A especialidade arábica foi mais afetada na temporada em decorrência de seu ciclo produtivo mais longo, que levou as lavouras a sofrer um reflexo maior das variações climáticas que caracterizaram o período.

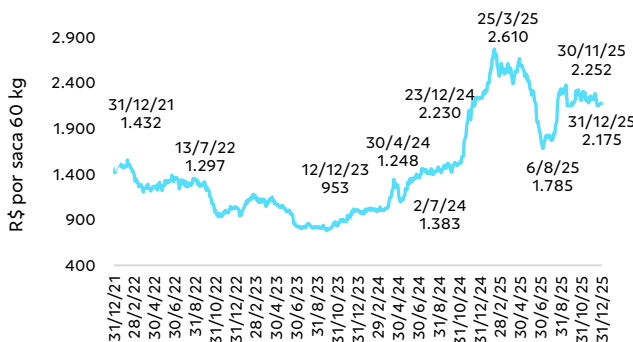
A indústria brasileira de cafés solúveis e torrados permanece sustentada pelo forte hábito de consumo, mas a expressiva valorização dos preços a partir de 2024 tem pressionado o consumo per capita de café torrado e moído. De acordo com estimativa do Rabobank, o consumo totalizou 21,4 milhões de sacas de 60 kg em 2024/25, representando uma retração de 0,9% em relação a 2022/23. Para 2025/26, a projeção indica uma leve recuperação, alcançando 21,7 milhões de sacas.

Cotações do Café – A trajetória ascendente nas cotações do café ao longo de 2024 e início de 2025 é fruto da queda na oferta global, diante da menor produção observada durante a safra 2024/25, em decorrência de problemas climáticos no período.

Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre do ano, diante da expectativa de entrada no mercado global das safras oriundas de concorrentes externos que apresentaram melhores expectativas de produção. A partir de agosto de 2025, houve movimento de recuperação até o início de outubro, em meio à revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial) e chuvas em excesso em regiões produtoras do país, além das incertezas decorrentes da política tarifária nos EUA com diminuição nas compras estadunidenses e acompanhamento dos níveis de estoques do café no país americano, que inclusive trouxeram certa volatilidade adicional às cotações em alguns momentos. A retirada da sobretaxa pelos EUA em novembro de 2025 ajudou a sustentar os preços do café e impulsionar as exportações brasileiras. Contudo, incertezas climáticas no Brasil — especialmente relacionadas à irregularidade das chuvas nas regiões produtoras — e no Vietnã, maior fornecedor de robusta, mantiveram a volatilidade no mercado. Para 2026, espera-se alguma estabilidade com a recuperação da oferta e ajustes na demanda, embora o clima continue sendo fator decisivo.

Em que pese as margens de rentabilidade atrativas no campo em razão os preços valorizados, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos ainda encarecidos (café), refletindo negativamente na lucratividade das empresas. Menciona-se que o mercado externo tem sido considerado o principal ponto de apoio para a rentabilidade da cadeia produtiva.

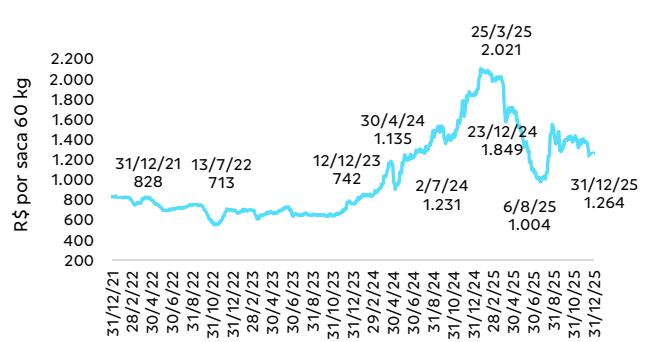
Indicador Café Arábica – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Indicador Café Robusta – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – Em 2024, o Brasil exportou 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde, nas modalidades arábica e conilon. Esse volume corresponde a incremento de aproximadamente 30,4% na comparação com igual período de 2023, segundo os dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), e compilados pelo o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

No acumulado do ano passado, segundo estatísticas do USDA, as remessas totais de café verde recuaram 8,9% em volume, sendo que para os EUA – principal destino e que impôs política tarifária com maior alíquota sobre importações oriundas do Brasil – a queda foi de 35,4 no acumulado do ano e de 39,6% entre agosto e outubro, que é o período de vigência do tarifaço ao Brasil. Além da questão tarifária com os EUA, a recuperação em importantes países produtores e a menor produção brasileira no último ciclo também contribuíram para explicar a piora no desempenho. Entretanto, vale destacar que, ainda assim, as exportações em dólar cresceram 28,9% diante da forte valorização do preço do grão.

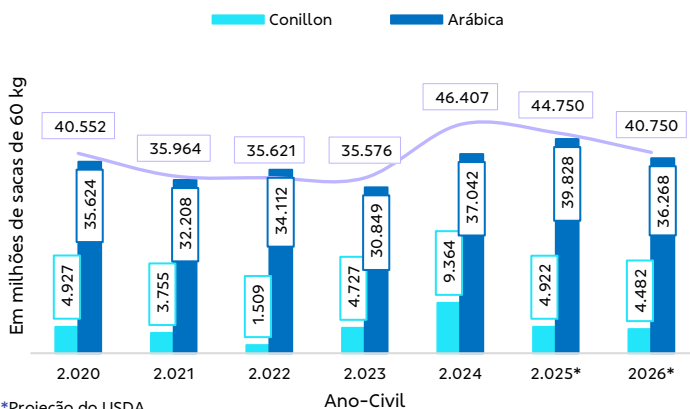
Na indústria, as exportações do café torrado e solúvel apresentaram dinâmica semelhante no ano passado, embora em menor magnitude, com queda de 6,3% em volume e crescimento de 21,6% em receita, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representa aproximadamente 80,4%. Já a especialidade conilon 10,2%, enquanto o restante, 9,4% das exportações, corresponderam as remessas de café torrado e café solúvel.

Em novembro, o governo americano derrubou as tarifas base e adicional de 10% e 40%, respectivamente, que haviam sido estabelecidas para a importação do café brasileiro por aquele país. Além disso, ainda que o volume de café exportado seja predominantemente na forma *in natura* (grão verde), o Brasil vem ampliando a participação das vendas de café industrializado no mercado externo (destaque para os mercados do sudeste asiático e Rússia).

Por fim, atenção também deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os impactos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro caso o Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio entre os blocos, seja referendado pelo bloco europeu.

Exportações de Café Arábica e Conilon

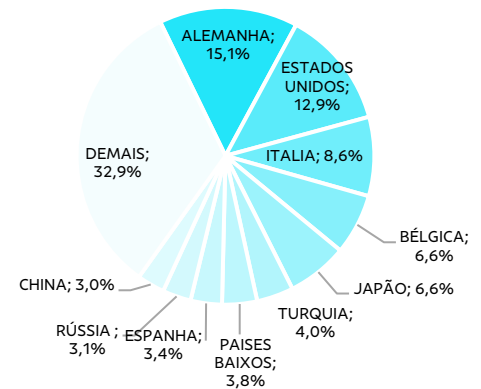


*Projeção do USDA

Fonte: Cecafé

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Café Verde por Destino Acumulado - 2025



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

Segundo estimativas da Conab, o país encerrou o ano de 2025 com produção de 11,4 milhões de toneladas de carne bovina, incremento de 2,4% em relação ao volume registrado em 2024.

Para 2026, estimativas ainda iniciais apontam para retração de 4,3% associada ao início de um novo ciclo pecuário, que deve levar a uma maior retenção de fêmeas para reprodução, o que diminui o ritmo de abates e, consequentemente, a oferta de carne, vetor de alta nos preços e, consequentemente, possibilidade de arrefecimento no consumo interno.

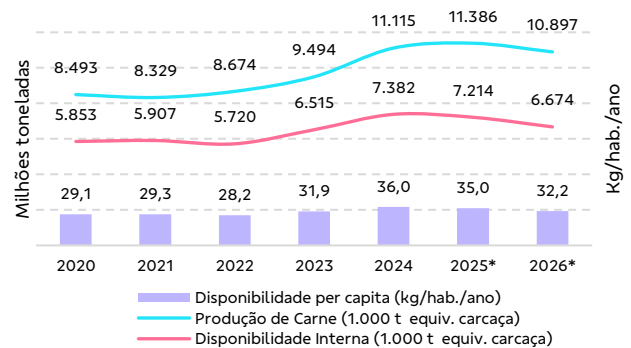
Vale ressaltar que a produção de proteína bovina representa 35,0% em relação às proteínas avícolas e suínolas.

Preços e Custos - Observou-se variações nas cotações da arroba do boi gordo entre o segundo semestre de 2024 e outubro de 2025, refletindo a complexa interação entre oferta, demanda, clima, custos de produção e dinâmica internacional. Após atingir mínima de R\$ 215,00 em junho de 2024, os preços iniciaram trajetória de recuperação, alcançando R\$ 353,00 em novembro do mesmo ano, oscilando a partir de então em patamar valorizado.

Essa trajetória de valorização foi impulsionada pelos efeitos da estiagem prolongada entre maio e outubro de 2024 – que comprometeu as pastagens e reduziu a capacidade de engorda dos bovinos –, além da menor quantidade de animais de pasto e da antecipação de abates de confinamento. No mais, o elevado abate de fêmeas nos anos anteriores comprometeu a expectativa de reposição do rebanho e da oferta futura, também influenciando preços.

A demanda por carne bovina segue aquecida nos mercados interno e externo, apoiando a valorização da arroba. A competitividade brasileira é favorecida pela taxa de câmbio, qualidade da proteína nacional e redução dos rebanhos em grandes produtores como EUA, Argentina e Austrália. O mercado internacional permanece como principal fonte de rentabilidade, porém as condições mais favoráveis do emprego e renda também beneficiam o consumo doméstico. No curto prazo, as perspectivas ainda indicam manutenção de preços firmes em contexto com menor oferta de animais em países produtores, queda nos abates domésticos e retirada das tarifas adicionais pelos EUA, embora a criação de cotas de importação da China e no México são fatores que podem restringir as exportações brasileiras da proteína e, consequentemente, gerar algum excedente com potencial arrefecimento em preços.

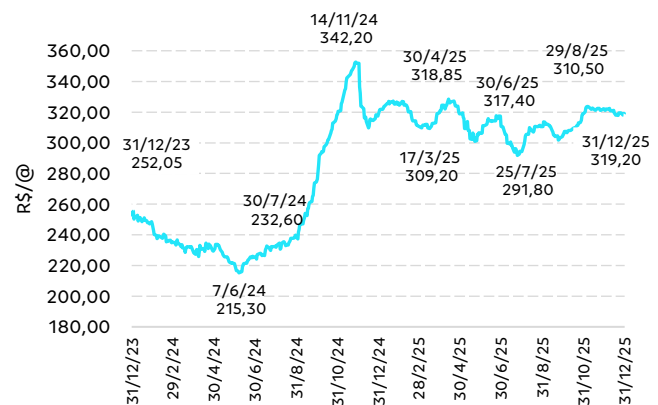
Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: * Projeção Conab.

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista - Cepea/B3



Fonte: Cepea; @ = (arroba de 15 kg).

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Para os frigoríficos, a valorização da arroba do boi gordo elevou os custos de aquisição da matéria-prima, comprimindo as margens de lucro. Empresas de menor porte enfrentaram maiores dificuldades para compor suas escalas de abate, sendo obrigadas a oferecer preços mais atrativos aos pecuaristas para garantir fornecimento. Em contrapartida, o bom desempenho das exportações tem amenizado parte dessas pressões, sobretudo para as indústrias habilitadas a operar no mercado internacional.

Exportações – O mercado externo da carne bovina brasileira se destacou por um desempenho excepcional em 2025, mesmo diante de desafios geopolíticos e tarifários. Entre janeiro e dezembro de 2025, o Brasil consolidou sua posição como o maior exportador mundial de carne bovina, com embarques crescendo 20,9%, totalizando 3,5 milhões de toneladas, frente ao mesmo período de 2024 e receitas expandindo 40,1%, com um montante de US\$ 18,03 bilhões de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). O Brasil possui uma estrutura de produção eficiente, baixos custos de alimentação, além de investimentos em tecnologia e rastreabilidade, que reforçaram a confiança internacional na carne brasileira, inclusive em momento que o tamanho do rebanho de grandes produtores mostra limitação.

Quanto aos destinos, a China permaneceu como o principal mercado da carne bovina brasileira em 2025, variando 22,8% em quantum na comparação anual e respondendo por 48,1% das exportações. A União Europeia também ampliou significativamente suas aquisições, especialmente em países como Itália, Países Baixos e Espanha, contribuindo para a manutenção da demanda internacional aquecida, mesmo diante dos impactos das tarifas impostas pelos EUA às importações oriundas do Brasil.

A necessidade de diversificação de mercados frente às tarifas adicionais de 50% nos EUA – iniciadas em agosto e eliminadas recentemente – levou o Brasil a redirecionar parte dos embarques para novos mercados, como México, Canadá, Emirados Árabes e Indonésia. O México tornou-se o terceiro maior importador da carne bovina brasileira em 2025 com 3,8% das aquisições. Destaca-se que esse movimento de ampliação de mercados precede o “tarifaço” dos EUA, uma vez que vem ocorrendo gradualmente desde 2022.

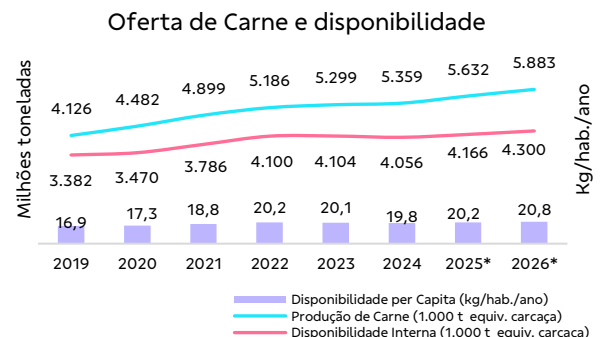
Nesse cenário, vale mencionar como ponto de atenção o anúncio da China sobre a criação de cotas anuais de importação de carne bovina, com validade de 1º de janeiro de 2026 até dezembro de 2028, tendo por objetivo proteger sua produção doméstica e conter o que considera excesso de oferta externa. A preocupação decorre da elevada representatividade da China nas exportações brasileiras de carnes bovinas, assim como a dificuldade de redirecionamento das exportações para outros mercados no curto prazo.

Em relação às exportações para o México, o governo local definiu para 2026 uma cota de importação de carne bovina de 70 mil toneladas, com volumes acima desse limite sujeitos à tarifa de 20%. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), foram exportadas 117,7 Mt em 2025, com a cota representando apenas cerca de 60% das remessas.

Para 2026, as expectativas iniciais apontavam para manutenção do ritmo de exportações, ao menos no primeiro semestre. Porém, a salvaguarda do país chinês – destino de aproximadamente metade das exportações brasileiras – e as cotas de importação no México são fatores consideráveis para limitar a capacidade de expansão no ano.

Suíños

Impulsionados pela demanda externa aquecida, os números de 2025, ainda em apuração, devem apontar crescimento de 5,1% no volume de cortes suínos dos frigoríficos brasileiros. Para 2026, as projeções iniciais indicam continuidade do crescimento, cuja expectativa é de atingimento de novo recorde com 5,9 milhões de toneladas. Esse incremento deverá ser direcionado, em grande parte, às exportações para o mercado asiático, mas também sustentado pelo fortalecimento da demanda interna.

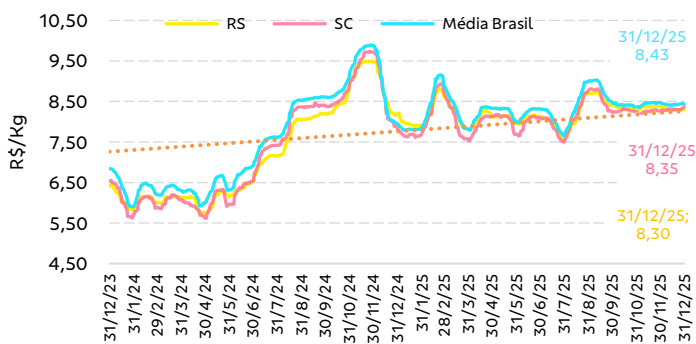


A indústria nacional aposta na continuidade da atratividade da demanda externa como principal vetor para justificar o aumento da produção da proteína suína. Além disso, a manutenção de preços ainda valorizados para os cortes de bovinos devem seguir redirecionando o consumo para proteínas substitutas, de menor valor agregado e mais acessíveis às famílias.

Segundo o USDA e, a partir de dados de produção de 2025, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína, com cerca de 3,9% da produção global, ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

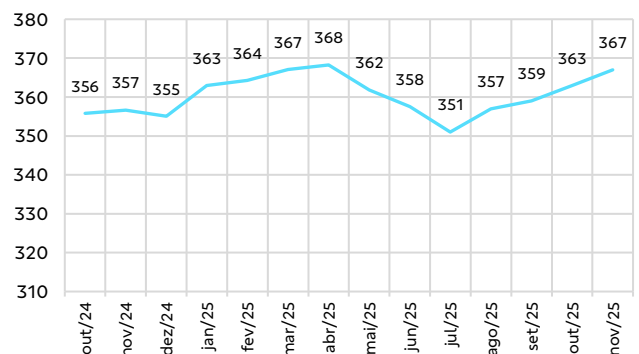
Preços e Custos – Os preços do suíno vivo permanecem sustentados pelo bom desempenho das exportações brasileiras – que continuam em ritmo acelerado – e pela demanda interna aquecida, impulsionada por um mercado de trabalho dinamizado e com renda das famílias em crescimento. Após atingirem máximas históricas no segundo semestre de 2024, os valores mantêm-se em patamares elevados. A valorização da carne bovina, decorrente da reversão do ciclo pecuário, tem contribuído para o redirecionamento do consumo para a carne suína, considerada mais acessível para os consumidores de menor poder aquisitivo. Apesar de alguma volatilidade observada nos preços ao longo de 2025 — reflexo da combinação entre demanda firme e elevado volume de abates — o cenário permanece favorável e a tendência é de estabilidade no curto prazo.

Preço do Suíno Vivo



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Custo de Produção de Suínos



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Em relação aos custos de produção, o índice de custo da Embrapa mostrou incremento de 2,8% no comparativo de novembro de 2025 com igual mês do ano anterior. Destaque para o avanço nos preços do custo do capital (14,2%), de transporte (56,5%), sanidade (33,7%) e genética (8,3%). Vale ressaltar que a ração corresponde a 71,5% dos custos de produção do segmento criador em novembro de 2025, seguido do custo do capital (7,6%), enquanto transportes 3,8% e genética e sanidade, juntas, somam 5,5%. Ainda que os custos de produção tenham evoluído, a cadeia produtiva tem apresentado boa rentabilidade, haja vista os preços que seguem em trajetória valorizada. Nesse sentido, vale destacar que, embora os frigoríficos exerçam certa pressão sobre as margens do produtor, de modo a limitar o repasse dos custos à indústria, foi possível perceber o avanço dos preços dos animais vivos ofertados para esse nicho no ano passado.

Mercado Externo – Entre janeiro e dezembro de 2025, o Brasil exportou 1.321,6 mil toneladas de carne suína, um aumento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2024, segundo informações obtidas no Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). A receita gerada pelas exportações também cresceu, 19,1%, totalizando US\$ 3.371,6 milhões. As Filipinas se consolidaram como o principal mercado, com participação de 25,0% nas exportações e volume adquirido de 340,6mil toneladas da proteína. A China segue como segundo principal destino (10,4%), com remessa brasileira equivalente a 137,6 mil toneladas, queda nas compras de 37,4% frente ao mesmo período de 2024. Essa redução é atribuída ao programa interno do mercado chinês para recompor seu plantel suíno.

Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado na ampliação das parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos existentes, desde 2024, com destaques para as vendas ao Japão, Chile, Hong Kong, Rússia e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos.

Entretanto, o conflito entre Rússia e Ucrânia, as tensões no Oriente Médio e, mais recentemente, a definição pelo governo Mexicano de uma cota de importação de carne suína brasileira de 51 mil toneladas para 2026, com volume acima desse limite pagando tarifa de 16%, exigem atenção do exportador, tendo em vista os potenciais impactos sobre a demanda, além de maiores custos com a logística de transporte e distribuição do produto. A Ucrânia, um grande exportador de grãos, e a Rússia, de fertilizantes e energia, sofrem com bloqueios e sanções, enquanto a instabilidade no Oriente Médio gera receios de desabastecimento e custos mais altos.

Além do câmbio depreciado, a competitividade brasileira no mercado internacional tem sido impulsionada pela redução da participação da União Europeia, que enfrenta desafios internos significativos. Entre esses obstáculos estão normas cada vez mais restritivas de bem-estar animal, elevados custos de produção e problemas sanitários, como a ocorrência de febre suína africana em alguns países do bloco. Nesse cenário, o Brasil se destaca não apenas pelo volume e qualidade da carne produzida, mas também pelo rigoroso controle fitossanitário, que busca prevenir a entrada de agentes capazes de comprometer o plantel nacional ou representar riscos à saúde humana. Essa combinação de fatores reforça a posição do país como um dos principais fornecedores globais de proteína animal.

Frango

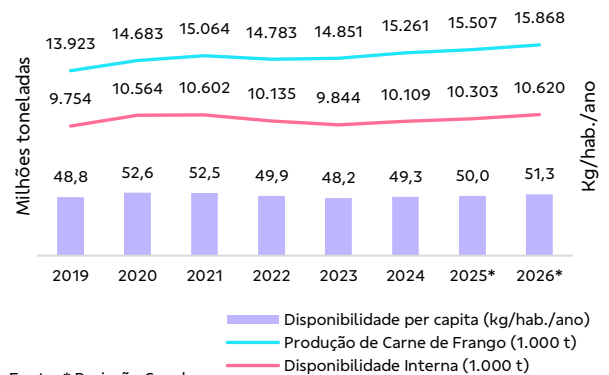
Ao longo de 2025, o setor avícola brasileiro manteve crescimento no abate de aves, sustentado pela forte demanda externa, mesmo diante de desafios sanitários como a Influenza Aviária de Alta Patogenicidade. Segundo o AgroConab de novembro de 2025, as projeções para produção e consumo interno seguem positivas. Para 2026, espera-se avanço de 2,3% na produção, impulsionado por exportações para Ásia e Oriente Médio, com manutenção do status sanitário e protocolos rigorosos como fatores-chave para garantir competitividade global. A manutenção da condição sanitária e a adoção de protocolos rigorosos serão determinantes para garantir acesso aos principais destinos, enquanto a demanda interna deve seguir firme, beneficiada pela relação custo-benefício da carne de frango frente às demais proteínas.

Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil apresentou redução de 2,2% nos últimos 12 meses encerrado em novembro. Os custos com genética, capital e sanidade animal foram os que mais cresceram no período, com aumentos de 17,75%, 12,12% e 9,02%, respectivamente. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram aproximadamente 29% do conjunto em novembro. Já os custos com ração animal retraíram 8,66% em 12 meses, favorecidos pela queda na cotação do milho. Ressalte-se que a participação da ração na composição dos custos em novembro de 2025 foi de aproximadamente 66%.

Em referência aos preços da carne de frango, após alcançar maiores patamares em abril de 2025, com preços médios próximos de R\$ 8,00/kg no atacado, o setor enfrentou uma queda mais acentuada de 7% em maio de 2025, na ocasião das suspensões das exportações por conta do caso de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) registrado no Rio Grande do Sul, que provocou excedente de oferta no mercado interno. Reestabelecidas as vendas externas, os preços começaram a se recuperar, com a cotação do frango congelado e resfriado apresentando valorização superior a 10% entre o início de setembro de 2025 e o final de dezembro.

Prospectivamente, a tendência é de manutenção dos bons níveis de preços nos próximos meses, embora em patamares inferiores a carne bovina e suína, favorecendo o ganho de competitividade frente às principais concorrentes. No mais, a dinâmica do mercado de trabalho e renda devem seguir beneficiando o consumo da proteína.

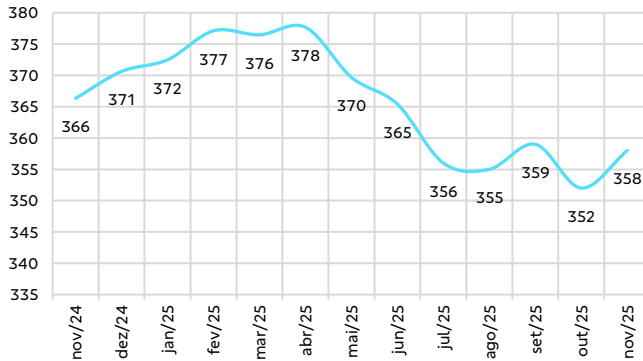
Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: * Projeção Conab

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

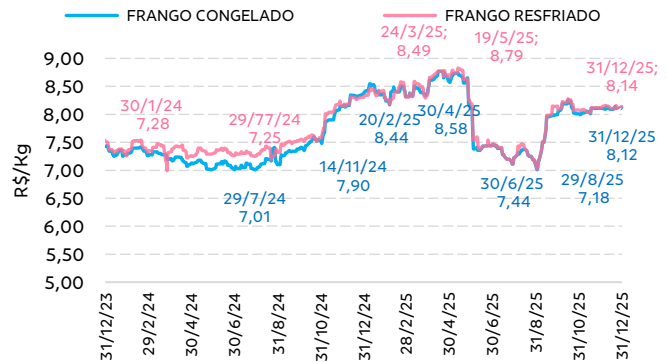
Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq - SP



Fonte: Cepea

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Mercado Externo – Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), em 2025 foram exportadas 4,958 mil de toneladas de carne de frango, aumento marginal de 0,2% em relação ao mesmo período de 2024, com a receita acumulada do período atingindo US\$ 8,817 milhões, retração de 2,9% ante ao acumulado de 2024 (US\$ 9,080 milhões).

A queda nas exportações foi decorrente do foco de influenza aviária registrado em maio em uma granja comercial no Rio Grande do Sul. O episódio levou à suspensão temporária das compras por mais de 100 países, incluindo mercados estratégicos como China e União Europeia, sendo que a China, grande comprador e que mais estendeu a suspensão, anunciou o fim da proibição às importação sobre o frango do Brasil em novembro. Vale destacar que, no período de embargos, o setor ainda conseguiu redirecionar embarques para mercados alternativos, mostrando resiliência e mitigando perdas.

Apesar da queda no acumulado do ano, a normalização das vendas externas começou em junho ainda, após a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) confirmar que o Brasil estava livre da doença em estabelecimentos comerciais. Em dezembro, o Brasil exportou 469,9 mil toneladas, com destaque para os seguintes países: Emirado Árabes Unidos (9,8%), Japão(7,5%), Arábia saudita (7,4%) China (4.5%), e Coreia do Sul (4,4%).

O Brasil seguiu em 2025 mantendo sua posição como maior exportador mundial de carne de frango. Entre os fundamentos que favoreceram as exportações brasileiras, destacam-se: (1) - a condição sanitária interna, que inclusive preservou a confiança internacional no produto brasileiro após o caso isolado de IAAP no Rio Grande do Sul; (2) - a capacidade de diversificação de mercados, com ampliação das vendas para países da América Latina, Ásia e África; e (3) – os surtos de gripe aviária em concorrentes como EUA, Reino Unido e Alemanha, que reduziram a capacidade exportadora desses países produtores.

No curto prazo, espera-se novos incrementos nos volumes exportados, com o retorno das compras pela China, além da abertura de novos mercados, estimando-se que o país tenha encerrado o ano de 2025 com incremento de 0,5% nas vendas externas. Para 2026 projeta-se aumento de 3,4%, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Destaques – Insumos Agrícolas

O macrossetor de Insumos Agrícolas segue como um dos pilares estratégicos do agronegócio brasileiro, garantindo produtividade e competitividade nas cadeias agroindustriais. Para 2026, o mercado mantém expectativa de trajetória de expansão, impulsionado pela demanda contínua por fertilizantes, sementes, defensivos e máquinas agrícolas, além do avanço expressivo dos bioinsumos. Apesar da relevância dos negócios das empresas pertencentes às cadeias produtivas da agropecuária no contexto da economia brasileira, o setor de insumos agrícolas tem convivido com importantes desafios relacionados a margens de rentabilidade mais estreitas, elevada dependência de importados – especialmente fertilizantes –, volatilidade cambial e, principalmente, condições financeiras mais restritas no campo, o que tem provocado desdobramentos sobre a dinâmica operacional e financeira das empresas de fertilizantes, sementes, defensivos e máquinas.

O mercado brasileiro de **fertilizantes** iniciou 2026 sob continuidade da influência de fatores geopolíticos, como o conflito Rússia-Ucrânia e tarifas dos EUA. Diante da alta dependência externa, um novo ponto de atenção surgiu em relação a China, que ultrapassou a Rússia e se tornou o principal fornecedor de fertilizantes ao Brasil entre janeiro e outubro de 2025, respondendo por 24% das importações totais. Esse avanço ocorreu devido à maior oferta de fertilizantes menos concentrados, amplamente utilizados na última safra. Contudo, a China sinalizou que pode suspender até agosto de 2026 suas exportações de fosfatados para conter preços internos. Atualmente, 28% dos fosfatados importados pelo Brasil vêm da China, incluindo produtos como superfosfato simples (SSP), superfosfato triplo (TSP) e fertilizantes NP. Caso a suspensão ocorra, haverá pressão sobre preços e necessidade de buscar fornecedores alternativos, como a própria Rússia e Marrocos, segundo a consultoria StoneX. Mesmo com esse cenário externo e, internamente enfrentando desafios relacionados a margens, endividamento e custo do capital, a expansão do agronegócio no campo segue suportando a demanda por fertilizantes para garantir o abastecimento das próximas safras.

O mercado brasileiro de **defensivos agrícolas** manteve sua trajetória de crescimento em 2025, impulsionado pelo aumento no número de registros de produtos e pela entrada de novas empresas no setor. Esse desempenho reflete a expansão contínua da área cultivada observada nos últimos 15 anos, com previsão de crescimento de 3,0% na safra 2025/26 em relação à safra anterior. Esse avanço exige manejos mais intensivos para controle de lagartas, pragas sugadoras e doenças fúngicas, especialmente em lavouras de milho e soja. Para 2026, projeta-se crescimento moderado, sustentado por três fatores principais: 1) Adoção de tecnologias digitais para monitoramento e aplicação precisa; 2) Avanço dos defensivos biológicos, que já representam cerca de 15% do mercado e devem atingir 20% até o final do ano; e 3) Pressão regulatória e busca por práticas sustentáveis, acelerando investimentos em soluções de baixo impacto ambiental. Esse movimento indica uma transição gradual para um modelo mais sustentável e tecnológico, alinhado às exigências do mercado global e às metas de redução de resíduos químicos.

Em relação ao segmento de **sementes**, o país ocupa atualmente a 4ª posição mundial no mercado, atrás de Estados Unidos, China e Índia. Em 2025, o mercado brasileiro movimentou cerca de R\$ 40 bilhões, segundo projeções da CropLife Brasil (CLB). A produção anual é estimada em 5,8 milhões de toneladas, com destaque para soja, milho e algodão, estimulada pela expansão das principais culturas agrícolas e pela crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). As projeções indicam que para 2026 as vendas continuarão em trajetória de crescimento observada em 2025. Apesar do avanço, o setor enfrenta desafios importantes. A ausência de um marco regulatório claro para novas tecnologias limita a inovação e favorece a proliferação de sementes irregulares, especialmente no caso da soja. Dados consolidados pela Céleres Consultoria, com elaboração da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes de Soja (ABRASS), indicam que, na safra 2025/26, 27% da área plantada no país será cultivada com sementes não certificadas, o equivalente a cerca de 13 milhões de hectares. Esse cenário gera concorrência desleal, impactando o ritmo das atividades e pressionando a rentabilidade das empresas.

Após crescer 10% em 2025 e atingir R\$ 68 bilhões, o setor de **máquinas e implementos agrícolas** deve avançar 3,4% em 2026, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), embora tal evolução ainda não tenha sido capaz de compensar as fortes perdas de anos anteriores. Taxa de juros alta, custos elevados no campo e falta de valorização mais expressiva das commodities reduzem a demanda para renovação do maquinário. A recuperação depende da flexibilização da política monetária e da melhora das condições financeiras dos produtores, que já têm buscado alternativas – a exemplo dos consórcios, financiamentos em moeda estrangeira e operações de *barter*. Em relação às exportações, em valores, houve avanço de 5,5 % no ano de 2025 frente a igual período de 2024, totalizando US\$ 712,8 milhões, com a Argentina sendo o principal destino (35,9% de participação) e destaque em crescimento de 2024 para 2025 (76,1%), seguido do Paraguai (16,9% de participação).



BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)